

Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos

Prejudice and sexuality in the classroom – the (un)prepared teacher face what students have to say

Resumo

O presente estudo se enquadra como pesquisa qualitativa e visa, a partir da análise da prática de dois licenciandos no ensino público, ressaltar a importância de uma formação inicial que possibilite desenvolvimento e discussão de práticas educativas, em conformidade com uma ideia de educação em sexualidade que contribua para a construção social de formas de vida melhores e justas. O estudo discute escolhas, estratégias de ensino e dificuldades dos futuros professores, em busca de promover nos alunos uma aprendizagem que favoreça a compreensão de que a sexualidade humana é construída cotidianamente no relacionamento do indivíduo consigo e com seu entorno, pensamento este crucial para uma sociedade menos preconceituosa e mais inclusiva.

Palavras chave: sexualidade na escola, diversidade sexual e de gênero, preconceito, ensino de ciências, formação inicial de professores, prática pedagógica.

Abstract

The current study is characterized as a qualitative research project and by means of the analysis of the practices of two qualified teachers in the public educational system aims to emphasize the importance of a initial training that enables development and discussion of educational practices in accordance with the idea of sexual education that contributes to the social construction of better and just lifestyles. The study discusses choices, teaching strategies and difficulties of future teachers, in order to promote in the students an education that favors the understanding that human sexuality is constructed daily in the individual's relationship with himself and with his surroundings, a crucial concept for a society less preconceived and more inclusive.

Key words: sexuality in school, sexual and gender diversity, prejudice, sciences education, initial teacher training, pedagogical practice.

Sexualidade, Gênero, Diversidade Sexual e Educação

O senso comum sobre sexualidade humana ancora-se em ideias essencialistas nas quais a sexualidade de cada indivíduo particular se constitui em algo que cada indivíduo geral possui naturalmente, dado a priori, “desde sempre”. Este modo de pensar reforça a concepção de que todo sujeito vivencia da mesma forma sua subjetividade, o reconhecimento de seu corpo e do outro, seu relacionamento com seu próprio corpo e com o corpo do outro, o desejo, o prazer

etc., impossibilitando, muitas vezes, a compreensão de que a sexualidade humana é construída cotidianamente no relacionamento indivíduo consigo e com a sociedade.

Não há nada de exclusivamente “natural” na sexualidade humana, pois é através de processos culturais que se define a concepção de corpo, a ideia de natureza, a representação dos gêneros nos corpos, o que é natural ou não é, até mesmo, a forma de expressar os desejos e prazeres (LOURO, 2000).

Duarte (2012) explica que a sexualidade configura-se enquanto construção individual e social. É elaborada socialmente, pois é edificada na vida em sociedade e modificada pelos discursos sociais. Ao mesmo tempo em que é algo que faz parte da vida de todas as pessoas, é singular para cada ser, envolvendo aspectos sociais, psíquicos e culturais que carregam historicidade, práticas, atitudes e simbolizações (MOIZÉS, BUENO, 2010 apud DUARTE, 2012).

Castro et al (2004), Figueiró (2006) e Duarte (2012) afirmam que na sexualidade está incluído o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o gênero, a identidade sexual, a orientação sexual, o erotismo, o envolvimento emocional, o amor, a reprodução, o sentimento, os gestos, a comunicação, o toque, a intimidade, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual, ao passo que Louro (2000) destaca que a família, a escola, a igreja, o trabalho, a mídia, as instituições médicas e legais, estão intimamente relacionadas com o processo de construção da sexualidade.

Embora a literatura traga uma concepção ampla de sexualidade, na escola sua compreensão é reduzida à genitalidade, ao ato sexual e ao conhecimento de procedimentos que podem garantir o autocuidado e as responsabilidades sociais, abordagem esta que pode ocasionar desassociações entre a sexualidade, uma sociedade mais inclusiva e os direitos humanos. Torna-se relevante a atuação da comunidade escolar na tarefa de reunir, organizar, sistematizar e ministrar essa dimensão da formação humana.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) citam em seu texto a palavra sexualidade em apenas seis momentos, mas destacam o princípio de que a escola deve tratar das questões de gênero e dos diferentes tipos de orientação sexual a fim de problematizar as diversidades que compõe nossa vida social e dar maior visibilidade às minorias, buscando amenizar as desigualdades e preconceitos.

Uma década antes, os Parâmetros Curriculares Nacionais tema transversais Sexualidade (PCN), embora com um discurso em grande medida voltado para a prevenção, já destacavam que a sexualidade é um tema amplo e polêmico, multidimensional, demarcado pela história, pela cultura e pela configuração social, assegurando que o trabalho com a temática em sala de aula deve focar as dimensões sociológicas, psicológicas e fisiológicas, enfatizando ainda a importância da discussão das relações de gênero (BRASIL, 1998).

No Currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2012), a temática “sexualidade” se expressa através de conteúdos explicitamente biológicos associados à reprodução humana e à saúde reprodutiva. Salta aos olhos a ausência da abordagem multidimensional do tema o que expressa o pouco diálogo do currículo com as atuais demandas sociais, que exigem currículos sensíveis aos campos da sexualidade, dos direitos humanos e comprometidos com a formação de identidades democráticas.

Mesmo frente a currículos desfavoráveis, a atuação docente deve possibilitar aos estudantes uma vivência responsável de sua sexualidade em seus múltiplos aspectos. Desse modo, o presente trabalho apresenta a análise da conduta de licenciandos em Ciências Biológicas, futuros professores, em dois encontros de uma sequência didática sobre o tema Sexualidade aplicada junto a alunos de um oitavo ano de uma escola pública do interior do Estado São Paulo, com os objetivos de que os estudantes compreendessem a sexualidade de modo abrangente,

desenvolvendo a criticidade e a capacidade argumentativa, combatendo preconceitos e estereótipos, instrumentos essenciais para o exercício da cidadania.

Metodologia

O estudo pautou-se em uma metodologia qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). As chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação sistemática e a gravação em vídeo e em áudio de todas as atividades, com posterior transcrição, as notas de campo dos licenciandos sobre sua prática pedagógica e conseqüentemente, a produção de saberes elaborados durante essa prática, as dúvidas e angústias vivenciadas, as escolhas efetivadas, as descobertas de si enquanto sujeito-professor que se relaciona com o conteúdo, com o aluno e com o entorno escolar. Os dados compilados foram organizados e analisados de acordo com os princípios teóricos que nortearam o estudo.

Esta pesquisa foi desenvolvida junto a uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, em uma escola estadual do interior paulista, em cinco encontros de 1h40min cada, com 30 alunos na faixa etária entre 13 e 15 anos. As atividades foram desenvolvidas durante o estágio curricular supervisionado por dois licenciandos¹ do último semestre do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade pública do interior do Estado de São Paulo, que não tiveram conteúdos sistematizados sobre sexualidade humana em seu currículo. A temática da sequência didática foi de livre escolha dos licenciandos.

O Quadro 01 apresenta as atividades desenvolvidas durante a sequência didática. Optou-se, metodologicamente, por apresentar e discutir apenas os dados do segundo e do terceiro encontros da sequência desenvolvida devido à característica dos mesmos, dado que foram planejados para abordar direitos humanos, papéis sociais, cultura e preconceito, bem como a adequação ao espaço de escrita disponível.

Momentos		Temas/Conteúdos	Materiais	Estratégias
Primeiro Bimestre	LCP	Levantamento de conhecimentos prévios	Questionário	--
Segundo Bimestre	1º encontro	Contrato Didático	Caixa de perguntas, lousa e giz	Braisntorming, discussão
	2º encontro	Sexualidade, cultura e direitos humanos – papéis sociais e preconceito	Vídeos ^{2,3,4} , lousa e giz	Brainstorming, leitura e discussão de vídeos, discussão

1 L1 e L2. Os alunos foram nomeados por A1, A2, etc., sucessivamente.

2 “Era uma vez outra Maria”. Vídeo de 20 minutos que apresenta experiências comuns a mulheres jovens e aborda assuntos como saúde sexual e reprodutiva, violência, gravidez, maternidade e trabalho (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY>>. Acesso em ago. 2015).

3 “Minha vida de João”. Vídeo de 20 minutos que provoca o questionamento entre homens jovens sobre a forma como foram socializados e os papéis de gênero que foram levados a assumir (Disponível em: <<https://vimeo.com/11596251>>. Acesso em jun. 2015)

4 “Medo de quê?”. Vídeo de 18 minutos que provoca a reflexão sobre o respeito à diversidade sexual e para a redução da homofobia. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cIoeUqBxhi0>>. Acesso em ago. 2015)

3º encontro	Sexualidade, cultura e direitos humanos – para além dos ‘determinantes’ biológicos	Lousa e giz, cartões com perfis ⁵ , biscoito sexual ⁶ , imagens ⁷	Braistorming, leitura e interpretação de imagens, discussão
4º encontro	Saúde sexual e reprodutiva: cadeia de transmissão de DSTs e gravidez na adolescência	Fichas para dinâmica, imagens ⁷	Dinâmica em grupo, leitura e interpretação de imagens, discussão
5º encontro	Saúde sexual e reprodutiva: sexo seguro – métodos contraceptivos e proteção contra DSTs	Imagens ⁷ , vídeos ^{3,8}	Leitura e interpretação de imagens, leitura e discussão de vídeo, discussão
6º encontro	Amarrando os conceitos	Quiz, cartazes, imagens ⁷	Leitura e interpretação de imagens, discussão, problematização

Quadro 01 – Temáticas abordadas, materiais e estratégias utilizadas durante a sequência didática.

Conversa sobre Papéis Sociais

Com o objetivo de auxiliar os alunos a refletir sobre os diferentes tipos de preconceito e, especificamente o preconceito de gênero, além de perceber os problemas gerados por estas atitudes, os estudantes foram instados pelos licenciandos a elencar características gerais de homens e mulheres. Os alunos trouxeram ideias e posicionamentos enraizados no senso comum e em padrões conservadores, vinculando a imagem feminina ao sexo, a atributos físicos de beleza e à responsabilidade de criar filhos. Já aos homens foram atribuídas características associadas ao sustento do lar, ao descanso e ao ato de sentir prazer, bem como a masturbação, conforme expresso no trecho⁹ que segue:

L1: Quando vocês pensam na palavra mulher o que vem na cabeça de vocês?
 A4: Sexo!!!
 A2: Femi-ni-dade, não femili ... Ah... Não sei falar.
 L2: Feminilidade?
 L1: Só isso que vocês representam para a mulher? “Sexo” e “feminilidade”?
 A9: Cabelo grande.
 A4: Beleza.
 A9: Charme!!
 A4: Vocês querem saber o que a gente acha que é de mulher?
 L1: Isso, eu quero que vocês me falem o que é o papel de mulher.
 A5: Cuidar de filho.
 A0: Ah é mesmo, mulher tem que cuidar de filho.
 L2: E aí, e os homens? O que vocês acham?
 A2: Ficar deitado.
 A8: Trabalhar.
 A0: Dormir.
 A1: Comer.
 A4: Bater... Punheta.

5 Cartilha contendo sete perfis elaborados pelos autores.

6 Biscoito Sexual (Disponível em: <sexusufs.wordpress.com>. Acesso em ago. 2015)

7 Imagens de internet

8 “Métodos anticoncepcionais”. Vídeo do governo federal de sete minutos que relata os principais métodos contraceptivos. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9IG6JM9BJKE>. Acesso em ago. 2015)

9 As falas de alunos e licenciandos foram transcritas literalmente, mantendo-se os erros de linguagem.

A9: Se masturbar, calma [fazendo referência à fala do A4].

A4: É, se masturbar!

A9: Fazer sexo!

Os estudantes apresentaram em suas falas estereótipos que compõem a sociedade e que se tornam características definidoras de lugares simbólicos e sociais. Na fala dos adolescentes foi possível observar manifestações de sexismo, comportamento presente em várias sociedades, sobremaneira no contexto brasileiro. Fonseca (1995) afirma que a sociedade e o conhecimento por ela gerado vêm sendo, até o momento, vinculados e destinados unicamente aos homens, seres estes que ao longo da história ganharam de alguma forma um papel “superior” ao das mulheres.

Fonseca (1995, p. 52) ainda destaca que ideias muito defendidas como, por exemplo, “*o homem satisfaz seus desejos, libera seus instintos, trabalha, casa, come, dorme, faz sexo, diverte-se em liberdade*”, apenas reforçam o patriarcalismo que ainda sobrevive em nossa sociedade, uma cultura que passa a ser incentivada dentro das famílias, igrejas e escolas, através de posicionamentos retrógrados vistos até mesmo nos livros didáticos. O reforço do patriarcalismo citado transfere às mulheres a permissão de usarem apenas três máscaras sociais (mãe, esposa ou prostituta), reprimindo-as e proibindo-as de expressarem e descobrirem, da mesma forma que é permitido aos homens, a sua sexualidade e o seu prazer.

No decorrer da atividade, foram trabalhados dois recortes de filmes em que papéis sociais de homem e mulher foram apresentados, permitindo a continuidade do diálogo através da relação entre as características elencadas pelos alunos para homens e mulheres às situações mostradas nos vídeos. Optou-se pelo uso de recursos audiovisuais uma vez que os mesmos estimulam mais de um sentido, sendo extremamente positivos para o processo de ensino-aprendizagem. Durante a discussão possibilitada pelos filmes, foi possível observar que os licenciandos não apenas aplicaram, mas reinterpretaram os currículos escolares que lhes foram apresentados, bem como as falas dos estudantes, a partir de suas próprias leituras de mundo.

L1: E se a gente for pensar... O menino está jogando futebol, aí a menina vai tentar jogar bola, o que acontece?

A5: Eles fazem ela parar.

A4: A menininha tava lá no vídeo toda correndo.

A2: Ah acontece milhares coisas... Daí apagaram ela e colocaram em outro lugar e desenharam uma boneca não é verdade? [se referindo à situação do vídeo assistido em que as meninas são apagadas quando realizam atividades ditas ‘de menino’]

L1: Para você o que quer dizer isso? Isso que o A2 descreveu pra gente? Qual a ideia por trás disso?

A3: Ela tava fazendo uma coisa que eles julgavam ser de menino.

L2: Isso, o que é o lápis no vídeo?

A0: O lápis na verdade seria como se fosse a sociedade, a menina quer jogar futebol, mas a sociedade fala que ela não pode que ela tem que brincar de boneca. Um orgulho bobo da sociedade.

L1: Por que o lápis faz isso?

A12: Normal [fazendo com as mãos o movimento de apagar]. Né, como se lugar de menina fosse brincar de boneca. O lápis em todas as cenas ele está lá fazendo as coisas... Então ela vai lá pensa... O lápis vai lá apaga e coloca o que é ‘normal’.

A2: É machismo!! Como se um menino não pudesse se apaixonar.

As escolhas, estratégias e decisões tomadas pelos licenciandos foram assim feitas em razão dos conflitos enfrentados na realidade imediata da sala de aula, sempre que possível articuladas com informações advindas da vivência do estágio supervisionado. Os licenciandos intencionavam que o trabalho de temas relacionados à sexualidade não se caracterizasse por uma atitude memorística e passiva. Desse modo, abordar a temática não se constituiu em uma tarefa fácil, visto que além de domínio do conteúdo elencado pela sequência didática em questão, foi observado pelos licenciandos que o professor deve também ser capaz de criar um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de seu aluno, de entender a estrutura

de pensamento do estudante, desenvolver os diferentes tipos de conteúdos, não apenas os fatos e conceitos, mas principalmente procedimentos e atitudes.

O excerto evidencia que, a partir do diálogo, seria possível aos licenciandos aprofundar a abordagem das desigualdades sociais entre homens e mulheres na sociedade brasileira, visto que a escola deve ser espaço privilegiado para a formação cidadã e luta contra formas de preconceito. Biscoli et al (2005) afirmam que a sexualidade é inerente ao contexto escolar, cabendo a escola o papel de corrigir, enriquecer e ampliar os conceitos dos educandos, da família e, desta forma, da sociedade. Para que os licenciandos pudessem mediar com maior clareza as falas dos estudantes, auxiliando-os a refletir sobre normas e dinâmicas de poder desiguais (exemplificadas, no vídeo, pelo lápis), fator estratégico para alcançar a equidade de gênero, os licenciandos deveriam ter vivenciado na Universidade uma formação que os empoderasse para esse tipo de mediação. Quando essa formação não ocorre, os sujeitos ou não percebem as oportunidades para problematização ou são instados a reproduzir seus conceitos e crenças pessoais em sala de aula.

Um melhor preparo docente para mediar as situações possibilitaria lançar luzes sobre as dinâmicas sociais por meio das quais o gênero é socialmente construído, desnaturalizando certos estereótipos e questionando as desigualdades, visto que abordar o gênero como socialmente construído no cotidiano da escola, da família, da rua, da mídia, etc., toma como pressuposto que as convenções sociais decorrentes das relações de gênero podem ser transformadas.

Conversa sobre Preconceito

Ainda nos encontros analisados neste texto, foram levantados pontos sobre o preconceito voltado à orientação sexual e reflexões sobre diferenças entre gêneros e outros tipos de preconceito. Ao se perguntar aos alunos o que eles entendiam por preconceito, foram obtidas diferentes respostas tais como: “julgar; desigualdade; machismo; racismo; racista, bullying; maltratar; diferença; preconceito com gay; sapatão; preconceito com gordo”. A partir destas, foram geradas possibilidades de discussão e reflexão das ideias apresentadas, associadas ao material fílmico utilizado.

L1: Vocês falaram que tinha uma cena no filme de dois caras ‘se pegando’ [se referindo a uma troca de carinhos entre dois homens na película]. O que a cena mostrou?

A6: Desigualdade.

A4: Diferença.

A2: Maltratar.

A5: Humilhar.... Humilhar né sôr... Porque eles foram expulsos do shopping

A4: Bullying.

L1: Acontece bastante?

[...]

A5: Mas é certo né sor... Porque... A sei lá!

A13: Ah, não é não!!

A5: A lógico que é!!

A13: Você não pode beijar menina?!

A0: É normal.

A5: Ah.

A0: É a mesma coisa.

A4: É respeito!!! Têm que ter respeito.

L1: Desrespeito, ofensa, humilhação... Você julgar as pessoas, eu acho, que o maior problema é nosso está aqui no “julgar” e não pensar na pessoa sem pensar na gente, eu acho.

A13: O A5 acabou de julgar!!

As transcrições evidenciam um conflito de opiniões entre os estudantes (“*é certo ou normal pessoas do mesmo sexo biológico beijarem umas as outras?*”), ao mesmo tempo em que mostram a necessidade de aprendizagem de resolução de conflitos pelos licenciandos, aspecto enfrentado pelos docentes em início de carreira. Este processo formativo, científico e humano pode ser considerado um tipo de aprendizagem de extrema importância para o desenvolvimento profissional dos licenciandos como futuros professores, visto que, segundo Bejarano e Carvalho (2003), quando um professor em início de carreira usa estratégias pessoais para a resolução dos conflitos e preocupações e visa resultados em longo prazo, testemunhamos o desenvolvimento profissional desse docente.

A partir das falas expressas, os licenciandos poderiam ter discutido a articulação da discriminação social por gênero e por orientação sexual na sociedade brasileira. Apesar de ter havido transformações importantes no Brasil do final do século XX no que tange às questões relativas às relações de gênero e à orientação sexual, não é raro haver a perpetuação de violência (xingamentos, insultos, difamações, agressão física, abusos sexuais, etc.) contra mulheres ou contra minorias sexuais pelo simples fato de estas não responderem às expectativas sociais de comportamentos de gênero. É essencial que o professor tenha uma formação que o possibilite a não centrar seu enfoque apenas no corpo biológico, ampliando possibilidades de reflexão acerca do que o estudante e a sociedade pensam sobre o corpo e sobre o que se vivencia através dele, proporcionando ainda espaço de questionamentos de comportamentos aceitos para homens e mulheres na sociedade, desmistificando estereótipos e atacando as desigualdades de gênero (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

A0: Isso não é normal

L1: Mas então, o que é normal?! Na China é normal comer cachorro.

A2: Eu só acho que Deus criou cada um cada um pra quê mudar?

A4: Professor, tipo assim... A mãe do A12 aluga casa pra duas sapatona... Se ela tivesse preconceito ela nem iria alugar né?

P1: Isso.

A2: Deus criou cada um do jeito que é.

A3: Professor eu tenho uma irmã que é sapatona eu não tenho preconceito.

A4: Aham... Mas cada um tem um gosto da pessoa... Mas ele (Deus) não vai ficar contente, eu acho, mas o que nois vai fazer? Nois vai ter algum direito de ir lá e chamar atenção deles? Não tem!!

Borges e Meyer (2008) salientam que é no ambiente escolar que podem surgir as piores situações de violência e exclusão a quem não pertence à sexualidade hegemônica. Possibilitar que a escola discuta a sexualidade em seu caráter multidimensional implica que a formação do professor contemple esse aspecto, pois esta discussão depende, dentre outros fatores, de docentes que se sintam capazes de abordar e problematizar não apenas aspectos associados ao corpo biológico, a saber, DSTs, anatomia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino, mas, sobretudo, aspectos sociais, culturais, éticos, filosóficos, entre outros, independente de se o material pedagógico utilizado em sua sala de aula possibilitar essa abordagem ou não (UNBEHAUM; CASASIM; GABA, 2010).

O excerto da discussão entre os estudantes sobre o que é “normal” em termos de orientação sexual vinculada à religião evidencia essa necessidade ampla de formação docente. Os licenciandos, como todos os indivíduos da sociedade, constituem-se em sujeitos num contexto marcado pela hegemonia de concepções biomédicas ou morais e religiosas acerca de gênero e sexualidade. Deste modo, faz-se necessário que na Universidade existam espaços formativos que possibilitem a problematização voltada à desconstrução das significações opressoras de gênero e sexualidade das pessoas que não se encaixam no padrão heteronormativo, com a desnaturalização das violências, a ampliação da autonomia, a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos e a diminuição da vulnerabilidade desses sujeitos.

Considerações Finais

A análise da sequência propiciou aos licenciandos oportunidades de reflexão sobre o seu fazer, sobre a sua prática, permitindo uma percepção de que conteúdos específicos da área de sexualidade, que não foram trabalhados durante seu processo formativo na Universidade, muitas vezes foram mediados pelos licenciandos através de conceitos e crenças pessoais. Os licenciandos, em sua experiência pedagógica, tenderam a desconsiderar as questões surgidas no contexto da sala de aula ou trataram da temática sexualidade sob a perspectiva ensino de preceitos morais. A ausência de disciplinas formadoras em sexualidade na Universidade dificulta o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora no cotidiano escolar, no qual a sexualidade não é percebida em sua plasticidade, e sim de forma estanque e imutável, sem possibilidade de transformação.

Referências

- BEJARANO, N. R. R.; CARVALHO, A. M. P. de. Professor de ciências novato, suas crenças e conflitos. **Investigações em Ensino de Ciências**. Porto Alegre, Brasil, v.8, n.3, dez. 2003, disponível em <www.if.ufrgs.br/ienci/?go=artigos&idEdicao=27#> acessado em janeiro de 2017.
- BISCOLI, C.; FAVARÃO, N.R.L.; FEITEN, R.H.; SOUZA, A.C.P.; PERPÉTUO, C.L. Sexualidade em sala de aula: um estudo da produção de sentidos. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, v. 9, n. 1, jan./abr. p.47-55, 2005.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 47- 51.
- BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Aval. pol. públ. Educ.** v. 16, n. 58, p. 59-76. 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais: 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- CASTRO, G. C.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- DUARTE, V. **A educação sexual e o adolescente: um novo olhar frente ao desafio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2012.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas**, Santa Catarina, v.7, n.1, p.1-21, 2006.
- FONSECA, R. M. G. S. A educação e o processo de inclusão- exclusão social da mulher: uma questão de gênero?. **R. Bras. Enferm.** Brasília, v. 48, n. 1, p. 51-59, 1995.
- LOURO, G. L. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências**

da Natureza e suas tecnologias – Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2012.

UNBEHAUM, S.; CASASIM, S.; GAVA, T. **Gênero e Sexualidade nos currículos de Pedagogia**. In: fazendo gênero 9: diásporas, diversidades, desigualdades. Anais... Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/>>. Acesso em dezembro de 2016.